

QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA: O QUE A BÍBLIA TEM A DIZER SOBRE A PANDEMIA

Isabel Arco Verde Santos

Doutoranda em Literatura Comparada (UERJ)

Professora Assistente de Hebraico (UERJ)

Viktoria Freires Moura

Bacharel em Letras Português/Literaturas (UERJ)

RESUMO: Quando catástrofes ou calamidades acontecem, não é incomum procurarmos respostas para tais acontecimentos. A Bíblia apresenta uma forma peculiar de olhar para as tragédias da vida. As histórias bíblicas entendem os infortúnios como castigos de Deus, consequências de atitudes que não correspondem à vontade divina. A partir disso, o indivíduo precisa assumir uma postura penitente para tentar aplacar a ira da divindade. À pandemia que vivemos entre 2020 e 2021, não foram poucas as exegeses de textos bíblicos que traziam respostas e caminhos para superar o momento. A Bíblia continua sendo um referencial religioso importante que define regras de fé e prática para aqueles que a têm como livro sagrado. Nada mais natural que se procure nela respostas para as circunstâncias de vida que parecem sem respostas e que se procure no sobrenatural a resolução de problemas insolúveis. O presente artigo analisa textos bíblicos e exegeses hodiernas que reflitam o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia; culpa; pandemia.

ABSTRACT: When catastrophes or calamities happen, it is not uncommon for us to look for answers to such events. The Bible presents a peculiar way of looking at the tragedies of life. Biblical stories understand misfortunes as punishments from God, consequences of attitudes that do not correspond to the divine will. From this point on, the individual needs to assume a penitent posture to try to appease the wrath of the divinity. To the pandemic times that we experienced between 2020 and 2021, there were many exegeses of biblical texts that provided answers and ways to overcome the moment. The Bible continues to be an important religious reference that defines rules of faith and practice for those who consider it their sacred book. There is nothing more natural than looking for answers in it to life circumstances that seem unanswerable, seeking the supernatural for the resolution of insoluble problems. This article analyzes biblical texts and contemporary exegesis that reflect the theme.

KEY WORDS: Bible; fault; pandemic.

“E então virá o fim...”

O último fim do mundo aconteceu em 2012. Mais exatamente no dia 21 de junho, quando o calendário Maia acabou. Bem, se estamos um pouco além disso, é sinal de que o mundo ainda persiste e que ainda não definiu sua data de validade.

A pandemia da COVID-19 chegou com cara de fim de mundo. Um fim de mundo previsto em filmes entre uma pipoca e outra. A civilização por um fio. Por um vírus.

A fé tem seu jeito de explicar situações assim que fogem ao controle da razão, e propõe seu jeito próprio de ler os dramas da vida. A cultura judaico-cristã traz nos escritos bíblicos diversas histórias com esta finalidade.

A narrativa da criação é considerada um mito. Ela tenta explicar como surgiu o mundo e a humanidade, mas tenta também esclarecer a origem do próprio mal e sua interferência na vida da humanidade. Ali não se explica como o mal nasce, mas como ele afetou a humanidade. Adão e Eva representam a humanidade que vive o ideal da felicidade:

Voltamo-nos por isso para a questão menos ambiciosa de saber o que as próprias pessoas dão a ver através do seu comportamento como sendo o sentido e o intuito das suas vidas, aquilo que pedem da vida, aquilo a que aspiram. A resposta, facilmente, não pode falhar: o homem anseia pela felicidade, quer ser e permanecer feliz. Este desejo tem duas faces, um objectivo positivo e outro negativo, visa por um lado a ausência de dor e de desprazer. (FREUD, 1953, p. 24)

A possibilidade de não ser feliz encontra na leitura dos capítulos iniciais do Gênesis sua explicação. A desobediência ao Criador bem poderia custar-lhes a própria existência, mas, em vez disso, justifica somente as raízes do sofrimento. Adão e Eva prefiguram a humanidade inteira, daí o mal a eles imputado tem efeito sobre sua descendência.

Desta história podemos depreender elementos arquetípicos que permeiam a ideia do sofrimento, como a culpa ou a tentativa de dela se eximir, imputando ao outro a carga negativa da ação.

Iahweh Deus chamou o homem: “Onde estás?” disse ele. Ouvi teu passo no jardim” respondeu o homem; “tive medo porque estou nu, e me escondi.” Ele retomou: “É quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizeste?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi.”¹

¹ Gênesis 3, 9-13

Ainda dentro do material inicial do Gênesis, encontramos outra história que apresenta no potencial destruidor da natureza a razão divina para punir a desobediência ou o distanciamento. O dilúvio, assim como o relato da queda, apresenta o sofrimento como consequência de uma mesma postura de distanciamento e desobediência.

Embora o dilúvio bíblico signifique a destruição da humanidade sobrando uma única família como tentativa de recomeço, ele não parece trazer as consequências futuras como a história da queda. O dilúvio tem um efeito devastador, mas é episódico. Esta é uma diferença primordial entre as duas histórias. No dilúvio, inclusive, Deus se compromete a não mais causar a destruição de todos os seres vivos – seus efeitos acabam ali. Os efeitos da queda se estendem pela história da humanidade.

Podemos afirmar que tanto o evento da queda quanto o do dilúvio justificam sofrimentos coletivos, embora as histórias tenham dinâmicas diferenciadas. Adão e Eva são punidos e carregam às gerações subsequentes as consequências de seus atos. No caso do dilúvio, o efeito devastador da natureza acontece sobre aqueles que agiram em conduta negativa à divindade. Quem sobrevive, não pactuou dos atos condenáveis que justificaram a punição.

Os dois relatos, no entanto, respondem, cada um a seu modo, sobre a origem do sofrimento. Paul Ricoeur, em seus estudos sobre o mal, faz uma distinção necessária a essa discussão, quando reflete sobre pecado, sofrimento e morte, três conceitos com os quais o mal é relacionado. A religião, de forma geral, relaciona o mal à ideia do pecado, que é o mal em linguagem religiosa. Nesta visão, o mal é consequência de uma infração moral suscetível a uma punição. “É aqui que o mal moral interfere no sofrimento, na medida em que a punição é um sofrimento infligido.” (Ricoeur, 1988, 23). Como sofrimento, ainda segundo Ricoeur, o mal se distingue da ideia do pecado porque chega sem que se possa perceber um “erro” que o justifique. Ou seja, o homem é uma vítima, legítimo autor de sua lamentação.

A religião justifica, assim, a existência do sofrimento nas ações do homem, evidenciando em suas escolhas a necessidade de punição. A partir daí, podemos juntar muitos outros relatos bíblicos que comungam dessa mesma razão.

O enredo que envolve o êxodo do povo hebreu do Egito também é cheio de significação neste sentido. Às atitudes negativas do governante egípcio, todo o povo pagava com as pragas que lhes eram imputadas. Uma versão um tanto diferente das duas histórias já apresentadas.

A história é narrada no livro de Êxodo e tem como objetivo falar da grandeza do Deus dos hebreus sobre as divindades egípcias. É neste contexto que surgem as 10 pragas, que seriam

punições aplicadas a Faraó por não anuir às reivindicações de Moisés pela partida do povo hebreu que jazia como escravo do Egito. O problema é que Faraó decidia por todos como soberano egípcio, de forma que o povo todo era açoitado pelos sofrimentos advindos das pragas. E não só o povo foi afligido pelas pragas, mas a natureza toda participa deste enfrentamento: a água se transforma em sangue, os animais são atingidos por peste, por piolhos ou pela chuva de granizo. Todos participam da história, o que é até comum em muitas narrativas bíblicas.

O que nos chama também à atenção para estas pragas é justamente a possibilidade de controlar não somente seus efeitos, mas sua duração. Elas se sucedem, porque Faraó insiste com sua atitude, independente do sofrimento do povo. O que estava em jogo para ele não era o caos que poderia viver seus súditos, mas o jogo de poder que se impunha entre ele - um filho do Deus Rá - e o deus dos hebreus ao afrontar Moisés e seu irmão Arão. Se Faraó tivesse atendido às solicitações de Moisés de pronto, os egípcios teriam sofrido menos com as pragas. Mas não foi isso o que aconteceu.

Neste caso, havia uma forma de controlar toda aquela situação, da mesma forma que Adão e Eva poderiam ter dado um final diferente a sua história, caso não tivessem desobedecido à ordem de Iahweh ou a atitude do povo poderia ter impedido o dilúvio. No caso do êxodo, Faraó teve dez chances de evitar o pior, mas não o fez.

A última praga foi a morte dos primogênitos. Para esta, Faraó foi obrigado a ceder, porque seu sucessor, seu filho primogênito, foi alcançado e o sofrimento lhe foi direto. O texto relata:

No meio da noite, Iahweh feriu todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que deveria sentar-se em seu trono, até ao primogênito do cativo, que estava na prisão, e todo primogênito dos animais. Faraó levantou-se de noite, com todos os seus servos e todo o Egito; e houve um grande clamor no Egito, pois não havia casa onde não houvesse um morto.²

Pela continuação da história, sabe-se que o povo egípcio ainda sofreu mais em derrotas, porque depois de ter deixado o povo sair, Faraó voltou atrás em sua decisão e colocou seu exército em perseguição aos hebreus dando a esta história novas cenas. As consequências que se seguem, no entanto, são objetivas, pois o exército de Faraó é dominado pelas águas que se fecham no caminho aberto para a passagem do povo hebreu. Desta forma se encerra o capítulo do povo hebreu no Egito.

² Gênesis 12, 29-30

É preciso frisar, também, que o povo hebreu não sofreu com as pragas que acometiam o Egito, segundo o relato bíblico. O sofrimento objetivamente alcançou àqueles que agiam contra a vontade do deus dos hebreus.

Prosseguindo na leitura bíblica, percebemos que o Antigo Testamento traz tantos outros exemplos de pragas e situações catastróficas como punição divina ou demonstração da ira de Iahweh, sempre associadas à desobediência ou a atitudes que ofendiam a ética do tempo. Por causa disso, muitos leitores da Bíblia passaram a associar os sofrimentos, mesmo os contemporâneos, como medidas corretivas sobrenaturais.

Para cada história, porém, é possível perceber particularidades que dão novos tons às narrativas. O caso de Coré, por exemplo, traz uma certa semelhança, ao embate vivido com Faraó. O texto narrado no livro bíblico de Números, no capítulo 16, apresenta Coré, homem hebreu, dirigindo uma rebelião contra Moisés, questionando-o sobre sua liderança. É uma questão política interna: por que Moisés e não eu?

Questionar a liderança de Moisés era algo impensável, tendo em vista o currículo impecável que ele trazia. Toda sua história com o deus dos hebreus, desde o livramento no rio Nilo, quando ainda bebê, à teofania vivida no evento da sarça ardente; o conflito com Faraó por ocasião da saída do Egito; a manifestação divina no monte; a outorga das leis; as conversas em tom confessional com Iahweh. Mas Moisés aceitou o desafio de Coré e avisou à congregação que no dia seguinte, pela manhã, Deus mostraria quem era, de fato, o homem santificado.

Coré, da tribo de Levi, não estava sozinho nesta reclamação. A ele estavam associados Datã e Abiram, da tribo de Rubem, e mais 250 homens. Segundo o texto bíblico “filhos de Israel, príncipes da comunidade, respeitados nas solenidades, homens de renome”. O motivo alegado para a insatisfação era o fato de estarem no deserto e não terem chegado a lugar algum, como a campanha de Moisés prometia por ocasião da libertação da escravidão de Faraó. Esta foi uma reclamação recorrente depois que o povo deixou o Egito.

Neste embate, narrado no capítulo 16 do livro de Números, Moisés, representante divino, alcança êxito. Quando então se reúnem, no momento do desafio, “a terra abriu a sua boca e os engoliu, eles e suas famílias, bem como todos os homens de Coré e todos os seus bens”. A terra é personagem deste evento, labutando em favor de Moisés. O sofrimento que atingiu Coré e sua família levando-lhes à morte serve de exemplo aos outros dois aliados, Datã e Abiram, livrando não só eles, mas seus seguidores e suas famílias. O flagelo serve de lição a uns e impõe a sentença de morte a quem foi o líder da rebelião e toda sua descendência.

Por que todos os rebeldes não sofreram a mesma pena? Por serem da tribo de Rubem, poderia significar a extinção dela? É uma possibilidade de resposta. O que, a princípio, é evidente e relevante para este trabalho é a punição pela atitude contrária à Iahweh, na pessoa de seu maior e melhor representante.

Um pouco mais à frente, ainda no livro de Números, no capítulo 21, mais um acontecimento que remete à exposição de força e castigo divino. O povo hebreu novamente se vê em situação de murmuração, abatidos pela saudade do Egito e fastio pelo alimento rotineiro. O Deus hebreu sentencia cobras peçonhentas para picar e matar o povo. Embora muitos morressem, o clamor pela misericórdia divina faz reverter a punição.

Cada história, como se vê, embora trate de sofrimento, acaba trazendo também elementos que mereciam também ser investigados caso por caso. Mas um ponto é comum: o sofrimento está sempre associado à condutas contrárias à vontade de Iahweh. A Bíblia traz muitas histórias que poderíamos somar aqui. Mas, para não estender mais do que nos propomos podemos somar a este pequeno rol a história narrada no livro de Jó, que, aliás, não pode faltar quando o assunto é sofrimento.

O drama de sua vida é um misto de relato mítico, que em parte até lembra histórias gregas, mostrando Deus e o Diabo dialogando sobre a vida de do personagem que dá nome ao livro. Ele se destaca justamente porque não traz o conteúdo que justifica a tragédia que se transformaria sua vida. Em Jó, não se encontra motivo para o sofrimento que ele passará, senão no desafio que o Diabo fará a Deus.

Os amigos de Jó e mesmo sua mulher, ao verem o sofrimento desmedido por que passa o personagem, perdendo tudo de forma trágica e sendo assolado fisicamente, reproduzem aquilo que a fé judaico-cristã entendeu sobre o sofrimento, daí insistem com o pobre homem pela necessidade de confessar o erro, o pecado, na tentativa de alcançar a cura e a libertação daquele estado. Sua situação é tão desesperadora que sua própria mulher recomenda que ele amaldiçoe deus e morra. Não há qualquer explicação para o que ele sofre. Não há respostas, não há o que dizer. “Sou íntegro? Eu mesmo já não sei, desprezo a existência! É por isso que digo: é a mesma coisa! Ele extermina o íntegro e o ímpio!”³

Jó entra em crise e se desespera, até que, no final, conclui pela onipotência divina. Mas no percurso que faz até aí, ele também tenta encontrar razão para o que sofre. O desfecho do

³ Jó 9, 21-24

livro acaba por premiar a expressão de Jó, que vê duplicada as suas posses e tudo o que perdeu. O texto diz: “Iahweh abençoou a Jó pelo fim de sua vida mais do que no princípio”.⁴.

Ricoeur explica esta concepção de mal:

Tomado também no rigor de seu sentido, o sofrimento distingue-se do pecado por traços contrários. À imputação que centraliza o mal moral sobre um agente responsável, o sofrimento sublinha seu caráter essencialmente sofrido: não a fazemos chegar, ela nos afeta. Daí a variedade de causas: adversidade física, doenças e enfermidades do corpo e do espírito, aflição produzida pela morte de entes queridos, perspectiva assustadora de mortalidade própria, sentimento de indignidade pessoal, etc; em oposição à acusação que denuncia um desvio moral, o sofrimento caracteriza-se como puro contrário do prazer, como não-prazer, isto é, como diminuição de nossa integridade psíquica e espiritual. À repreensão, enfim e sobretudo, o sofrimento opõe a lamentação, pois se a falta (o erro) faz o homem culpado, o sofrimento o faz vítima: o que reclama a lamentação.” (Ricoeur, 1988. P. 23 e 24)

Sob a perspectiva bíblica, o mal coletivo é oriundo do pecado. Alguns vão sofrer porque lhe é imputada a culpa do mal moral, outros podem sofrer as consequências deste mal sem que sejam os autores do pecado que lhe justifica. A fé judaico-cristã vê nestas histórias a necessidade de reflexão, de buscar a culpa e tentar reverter a situação de sofrimento. Daí todo o discurso de perdão, as preces, orações e cantos.

O livro de Jó muda esta perspectiva, porque trata do mal de forma individualizada e sem ter causa aparente, pelo menos não que o homem tenha dado causa. A questão está na dificuldade de se aceitar o sofrimento que não se sustente no discurso religioso do mal moral.

Em todas estas histórias que envolvem sofrimento e o mal, o que está em jogo é a postura que o ser humano assume com relação a Deus. E é justamente nestas histórias que a religião cristã vai tentar trazer as respostas para os males modernos, porque elas compõem o livro que, a seu entender, está acima da história. A experiência religiosa judaico-cristã tende a olhar nos eventos presentes as marcas históricas do passado registrados na Bíblia. E é para lá que recorre, na tentativa de explicar e superar os desafios que se impõem à sua frente.

E é quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem. . . então as perguntas sobre o sentido da vida e o sentido da morte, perguntas das horas e diante do espelho. . . O que ocorre com frequência é que as mesmas perguntas religiosas do passado se articulam agora, travestidas, por meio de símbolos secularizados. Metamorfoseiam-se os nomes. Persiste a mesma função religiosa. Promessas terapêuticas de paz individual, de harmonia íntima, de liberação da angústia, esperanças de ordens sociais fraternas e justas, de resolução das lutas entre os homens e de harmonia

⁴ Jó 42, 12.

com a natureza, por mais disfarçadas que estejam nas máscaras do jargão psicanalítico/psicológico, ou da linguagem da sociologia, da política e da economia, serão sempre expressões dos problemas individuais e sociais em torno dos quais foram tecidas as teias religiosas.” (Rubem Alves *O que é religião* - pp. 11,12)

A chegada da Pandemia da COVID-19 na Europa gerou sentimentos diversos, porque veio acompanhada do impacto do número de mortos que se avolumavam a cada e pareciam não se deter. E, claro, que se fazia necessária uma resposta ao sofrimento que ameaçava a humanidade.

No Brasil, a chegada da pandemia na Europa era como uma onda gigante que estava prestes a quebrar também em nossas terras. A apreensão em ver países mais desenvolvidos tendo que aderir ao *lockdown* eram marcantes. As ruas de Roma vazias, nunca foram tão barulhentas ao mundo.

Neste cenário caótico, o Papa Francisco assumiu a linguagem religiosa referente ao mal moral. Talvez nem tanto na tentativa de culpar o ser humano pelo sofrimento, mas ainda assim, buscando no discurso do perdão e da misericórdia para acolher o beneplácito divino.

Foi assim que no dia 27 de março, em meio à Praça de São Pedro completamente vazia, a imagem daquele idoso se destacou. Dois elementos demonstravam a firme necessidade de reconhecimento de culpa, de buscar o perdão. Um se deu pela bênção *Urbi et Orbi*, (de Roma para todo o mundo), que é ministrada nos dias de Páscoa e Natal. Esta bênção tem autoridade penitencial, oferecendo àquele que se dispôr a acolhê-la receber a chamada indulgência plenária. Segundo o catecismo da Igreja Católica

A indulgência é a remissão, perante Deus, da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada; remissão que o fiel devidamente disposto obtém em certas e determinadas condições pela acção da Igreja que, enquanto dispensadora da redenção, distribui e aplica, por sua autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos.⁵

Como se vê, a bênção se deu em carácter extraordinário e seu objetivo claro é conceder o perdão a qualquer pessoa que a acolha. Um ato de misericórdia.

Outro elemento que se fez presente durante todo o momento de celebração litúrgico ali promovido, foi um crucifixo do século XVI, entendido como milagroso entre os fiéis católicos.

Entre os milagres relacionados à relíquia, está o fato de ter sido o único objeto que resistiu a um incêndio que destruiu parte da Igreja de São Marcelo⁶, em 1519, local onde ainda

⁵ Parágrafo 1471.

⁶ Igreja de San Marcello al Corso

hoje é exposto. Além de ter sido o único objeto a resistir ao incêndio, ele foi encontrado intacto. Além disso, ele teria sido exposto em procissão nas ruas de Roma pelos frades servos de Maria, em 1522 por 16 dias. E, segundo os relatos, ao final deste período, a peste cessou.

Francisco, ao mesmo tempo que exortou seus ouvintes a uma severa atitude introspectiva, trazia à memória elementos que poderiam sugerir esperança. Ele deixou clara em seu discurso a necessidade de uma reflexão sobre os males da atualidade, relacionando a pandemia a uma possível resposta divina.

Junto à riqueza de imagens e simbolismos ali apresentados, o Papa Católico apresentou o discurso religioso como esperado em momentos assim, com aceno certo ao texto bíblico. Sua postura foi icônica. Mais do que apontar culpa ou culpados, sua expressão apontou para solidariedade e renovação da esperança. Não houve convocação dos fiéis à Praça de São Pedro, como prova de fé. Ele, um idoso do grupo de risco, cercado de todos os cuidados, se dispôs a rezar pelo fim da calamidade que acometia a humanidade e uniu em sua oração as vozes de todo planeta.

A questão não é concluir se a COVID foi uma ação punitiva contra a raça humana, mas entender como olhar a pandemia tomando por base o texto bíblico, considerado pela religiosidade como referencial de vida.

Como lemos em diversas histórias bíblicas aqui apresentadas e tendo em vista a perspectiva que elas apontam, da mesma forma que os males do passado bíblico ocorreram sobre a humanidade por ela se distanciar de Iahweh e de seus princípios éticos, a pandemia da COVID-19 reproduzia os elementos básicos necessários para buscar as mesmas explicações outrora justificadas nos personagens bíblicos.

No Brasil, embora muitas igrejas e seus líderes assumissem uma postura solidária ao pânico que se fez, frente ao aumento do número de mortes pela COVID e o sofrimento que era informado todos os dias nos noticiários, prestando assistência espiritual, desenvolvendo campanhas para acolher os mais necessitados, houve, por outro lado e de forma significativa, posturas que acompanhavam o momento político de extrema direita que tomou conta do país, incentivando os fiéis a enfrentarem a COVID como expressão profética de temeridade.

alguns dos principais líderes evangélicos brasileiros atuaram contra o isolamento social. Esses pastores oscilaram entre tratar a crise sanitária como uma praga diabólica para destruir o Brasil, tal como as dez pragas do Egito, e negar ou relativizar a gravidade da doença. Alguns entre eles profetizaram que o vírus não iria atingir o Brasil. Se chegasse, não contaminaria os evangélicos e as igrejas não seriam focos de surtos da doença, embora diversos casos tenham mostrado o contrário. (GUERREIRO & ALMEIDA, 2021. P. 50)

Mesmo as palavras proféticas do passado apontariam para uma reflexão de conduta e avaliação pessoal/coletiva. A catástrofe sinaliza sempre a possibilidade de que algo não está funcionando bem ou que algo está errado. Temos vivido isso de forma muito intensa com relação às mudanças climáticas. A negação da pandemia, além de uma profecia capciosa, não corresponde às posturas pronunciadas nas histórias bíblicas em situações correlatas. Nisso já seria possível apontar o falso profeta.

Passamos pela COVID, mas percebemos que estas experiências pandêmicas não são coisas do passado. Não estamos menos imunes a catástrofes ou sofrimentos. Nem sempre encontraremos respostas para o que nos ocorre. Mas a religião e, mais exatamente a fé, sempre estará pronta a buscar soluções e trazer consolo. A esperança sempre será uma possibilidade para encontrar forças para a caminhada. Saber interpretar a vida à luz da fé pode ser um caminho. Atualizar o texto bíblico sem perder sua essência pode ser uma opção, mesmo para quem não é religioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Rubem. *O que é religião*. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edições Paulinas: SP, 1985.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: <https://catecismo.net/indice-breve>. Visualizado em novembro de 2021.

FREUD, Sigmund. *O Mal estar na civilização*. [tradução: Isabel Castro Silva]. Imago: 1953.

GUERREIRO, Clayton e ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia COVID-19. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 41(2): 49-73, 2021.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião* / C. G. Jung; tradução do Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. - Petrópolis: Vozes, 1978.

RICOUER, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. [tradução: Maria da Piedade Eça de Almeida] Campinas, SP: Papirua, 1988.